

DN 17.12.66  
RN 303

# NAQUELA NOITE QUENTE

RUBEM BRAGA

— Pega ladrão!

Houve uma correria no meio do bôlo de gente que ia tomar trem na Central, uns corriam para o trem, outros para o ladrão e naquele bafafá “roubaram minha bolsa!” — gritou uma senhora, vítima certamente de um segundo ladrão. Afastei-me, fiquei encostado a uma banca de jornais, suado, mas sentindo alívio em pensar que saíra do meio do povo que ia tomar trem. Considerei o aspecto dos que passavam: era gente ~~feia ou quase feia, humanidade medíocre,~~ maltratada pela vida, belezas estragadas, saúdes precárias, ar de necessidades, penúrias, carências, problemas. Senti-me, homem de Ipanema, extraviado ali, um privilegiado de certo modo criminoso, envergonhado de minha vida folgazã (“o Braga tem um temperamento folgazão”, disse uma vez o Armando d’Almeida).

Na verdade tenho um fundo rústico, ainda que não seja forte; naturalmente não gosto de sofrer, e com a idade me acostumei a um certo conforto — como reagiria se daquele minuto em diante, daquela noite quente em diante, tivesse de morar num subúrbio, vindo todo dia ao centro dar duro em um escritório? Enquanto procurava um táxi fora da estação, eu considerava que isso ia ser por demais triste. Para ser pobre, então era melhor ir morar numa prainha do Espírito Santo ou do Estado do Rio, viver vagamente de pescar camarões, um ou outro expediente, vigia de casa de veranista, ou mesmo plantar mandioca, fazer balaios, vender passarinhos... Sim, mas se eu tivesse, como tanto suburbano tem, filha mocinha e filho em idade de estudar, e ainda tivesse de agüentar, vamos dizer, dois sobrinhos, onde arranjaría coragem para sair de minha casinha suburbana de aluguel antigo? Com certeza eu me submeteria ao rebanho, seria

um dócil elemento dessa parte da população que vive no apêrto para a outra parte folgar, e na minha idade com certeza nem seria mais comunista, seria de preferência espírita, acho que nem isso.

Pensando essas coisas fui ficando com uma grande pena de mim, ou melhor, do meu povo — êsse povo feio que ali passava, avançando para a estação, enquanto eu procurava inútilmente um táxi. Andei para um lado e outro sem resultado, todo táxi que via estava fazendo lotação para a Zona Norte; eu estava cansado, sentia sede e fome, tinha um sujeito com um carrinho vendendo laranjas descascadas, chupei três.

<sup>21</sup> Foi então que/pensei/que talvez/a <sup>uma.</sup>sole-  
nidade na Rádio Ministério da Educação  
ainda não tivesse acabado, voltei lentamente  
até lá, tive sorte, encontrei Manuel Bandeira,  
que estava conversando com um senhor que  
não reconheci logo, era Eurico Nogueira  
França, os dois em pé, na calçada junto ao  
portão. Um carro iria levá-los, tinha lugar  
para mim, esperei, peguei minha carona fe-  
liz, a cicatriz de minha operação estava in-  
comodando um pouco. Lembro-me da con-  
versa dos dois, primeiro foi sobre a morte do  
filho do Odilo, depois sobre o centenário do  
nascimento de Ernesto Nazareth, <sup>21</sup>que Ban-  
deira muita vez viu tocando piano na sala de  
espera de um cinema. Depois falaram da  
bossa nova, os dois entendidos de música, eu  
calado como convém. Depois Eurico Noguei-  
ra França saltou e ficamos sós, o grande  
poeta e eu, falamos acho que de mulheres,  
acho que de mulheres alemãs, acho que fa-  
lamos bem, e assim chegamos a Copacabana,  
naquela noite quente os dois velhos, o gran-  
de poeta e eu, o suburbano eu, falando de  
mulheres — de mulheres de antigamente,  
como convém. <sup>31</sup>

(pobre sempre tem um parente mais pobre do que ele)

M 578 18-5-63

152